

MEU MATERIAL ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A POÉTICA DE RICARDO AZEVEDO

MEU MATERIAL ESCOLAR: A LOOK AT THE POETICS OF RICARDO AZEVEDO

Ana Lúcia Maria de Souza Neves  0000-0003-0746-7407
Doutorado em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba
Universidade Estadual da Paraíba
analiteraturasouza@yahoo.com.br

Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa
Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba
Universidade Estadual da Paraíba
amasilesousa@hotmail.com

Recebido em 18 de julho de 2021

Aceito em 13 de novembro de 2021

Resumo: Neste artigo analisamos a obra *Meu material escolar* (2000), do renomado escritor, ilustrador e pesquisador Ricardo Azevedo, reconhecido no panorama editorial de literatura infantil e juvenil, a fim de verificar o modo de construção dos poemas, bem como ressaltar o caráter emancipador da literatura produzida por Azevedo. Apresentamos também proposta de abordagem metodológica como possibilidade de trabalho com a poesia infantil de Azevedo. Para tanto, utilizamos como referencial teórico os estudos de Bordini (1991), Lajolo e Zilberman (1987) sobre aspectos históricos e elementos característicos da poesia para o público infantil e juvenil; Pondé (1986), Pinheiro (2018) e Bordini (1991) sobre vivências e abordagens do poema no contexto escolar e Bordini e Aguiar (1988) sobre a necessidade de uma metodologia para o ensino de literatura. Concluímos que os poemas apresentam uma forma desautomatizada de ver os objetos, permitindo experiências de leitura significativas e instigantes para as crianças e os adultos.

Palavras-chave: Poesia infantil. Ricardo Azevedo. Experiência literária.

Abstract: In this paper we analyze the work *Meu Material Escolar* (2000), by the renowned writer, illustrator and researcher Ricardo Azevedo, recognized on the editorial panorama of children's and youth literature, in order to verify the way the poems are constructed, as well as highlight the emancipatory character of the literature written by Azevedo. We also bring a proposal of methodological approach as a possibility of work with the children's poetry by Azevedo. Therefore, we use as theoretical reference the studies of Bordini (1991), Lajolo and Zilberman (1987) about the historical aspects and characteristic elements of the poetry for the children and youth audiences; Pondé (1986), Pinheiro (2018) and Bordini (1991) about the experiences and approaches of the poem in the school context of and Bordini and Aguiar (1988) about the need for a methodology for teaching literature. We conclude that the poems present a unautomated way of seeing the objects, allowing exciting and meaningful reading experiences for both children and adults.

Keywords: Children's Poetry. Ricardo Azevedo. Literary Experience.

1- Introdução

Desde cedo, as crianças entram em contato com a poesia por meio de brincadeiras, cantigas de roda, parlendas, adivinhações. Daí a necessidade de oferecer à criança poemas que permitam a vivência lúdica através do ritmo, da sonoridade e das imagens táteis, visuais, acústicas:

É esse jogo de palavras, associado às sonoridades, que traz encanto ao texto poético e propicia prazer ao pequeno leitor/ouvinte. Para tanto, o trabalho inicial com poesia é o da sensibilização, da descoberta do jogo das palavras, fase fundamentalmente lúdica (SOUZA, 2018, p.161).

É nessa perspectiva que se deve propiciar o encontro da criança com a poesia, permitindo que o ouvinte/leitor se envolva no jogo de imagens e de ludicidade que a poesia proporciona. Assim, a poesia para crianças possibilita uma relação de brincadeira com as palavras, despertando as mais diferentes sensações e instigando a reflexão crítica a respeito das relações entre o Eu e o Outro (pessoas, animais, objetos). A esse respeito, Pondé (1986, p.126) defende que “a criança possui um modo de perceber o mundo diferente do adulto. Sua apreensão é emocional e globalizante; por isso, a poesia com sua linguagem altamente condensada e emotiva, sensibiliza-a”. O poema representa, portanto, leitura imprescindível, marcada pela fantasia, pelo humor e pela reflexão.

Neste artigo fundamentamo-nos nas reflexões de Bordini (1991) e Lajolo e Zilberman (1987) sobre elementos característicos da poesia destinada ao público infantil e juvenil; Pondé (1986), Pinheiro (2018) e Bordini (1991) sobre aspectos relacionados às vivências com o poema; Bordini e Aguiar (1988) sobre a necessidade de uma metodologia direcionada para o ensino de literatura. Após o percurso analítico da poética de Ricardo Azevedo, apresentamos uma sugestão de abordagem metodológica do livro de poesia infantil *Meu material escolar* (2000) do referido autor.

2. A lírica de Ricardo Azevedo

Ricardo Azevedo é além de escritor, ilustrador e pesquisador no panorama editorial da literatura infantil e juvenil. Sua produção literária é reconhecida não apenas do ponto de vista quantitativo, mas também qualitativamente, a partir dos aspectos artísticos e estéticos. É possível perceber ainda em suas obras a predileção por advinhas, procedimento oriundo da cultura popular, tema de muitas de suas pesquisas. Sua trajetória de escritor e ilustrador teve início na década de 1980 com a publicação da obra *O peixe que podia cantar*. Dai em diante, inúmeras publicações voltadas para o público infantil e juvenil foram surgindo, rendendo-lhe além de diversos prêmios, a tradução de algumas obras para outros idiomas.

Azevedo parte do princípio de que a literatura infantil tem suas raízes nas formas literárias populares, aspecto que acaba marcando fortemente suas obras. O conjunto da obra dele abrange um número expressivo de títulos que incluem narrativas em prosa e em verso. Destacamos aqui a produção poética do autor composta dos seguintes livros: *Dezenove poemas desengonçados* (1998), *A casa do meu avô* (1998), *Meu material escolar* (2000), *O livro de papel* (2001), *Não existe dor gostosa* (2003) e *Ninguém sabe o que é um poema* (2005). Diante da vasta produção do escritor, selecionamos a obra *Meu Material Escolar* (2000).

No livro *Meu material escolar*, composto por um total de vinte e cinco poemas, Ricardo Azevedo utiliza-se de objetos escolares que fazem parte do universo não só de crianças, como também de adultos. No entanto, os objetos são apresentados de modo poético, a partir do jogo de sons, alusões a diferentes formas e dimensões, alargando a forma de ver a aparência realística que esses objetos têm no nosso cotidiano e as funções que eles desempenham. Essa maneira de contemplação dos objetos do nosso dia a dia nos remete ao pensamento de Silva (2010) ao refletir sobre a semelhança de ver o mundo dos poetas e das crianças,

o poeta contempla o mundo como se o visse pela primeira vez, como fazem as crianças. Não é o extraordinário, mas, antes, o comum, o cotidiano e o corriqueiro que ele ilumina com sua percepção original e com sua palavra estética. Pela linguagem, ele tenta forçar o leitor a partilhar esse olhar inaugural. Por isso, os poetas buscam surpreendê-lo com efeitos de musicalidade, imagens imprevistas, desvios gramaticais, pequenas transgressões (as “licenças poéticas”), neologismos e arcaísmos, repetições de imagens, paralelismos sintáticos. Como uma criança que, maravilhada, puxa o adulto distraído pela manga para que veja o inseto, a pedra brilhando ao sol, uma sombra recortada no chão -pequenos flagrantes de beleza -, o poeta acena ao leitor com a linguagem de seus versos. (SILVA, 2010, p. 231).

Esse olhar da criança pode ser percebido em muitos de seus poemas presentes no livro *Meu material escolar* (2000), a exemplo de “Pincel” e “Caneta”:

Pincel

Não é pastel
nem tem chapéu.
Não vai pro céu,
nem anda ao léu.
Não tem anel,
nem usa véu.
Termina em el,
chama pincel!
(AZEVEDO, 2000, p.33).

Caneta

Tem jeito importante,
tem ponta brilhante.
Lá vai deslizante,
chapéu elegante.

Não gosta de lápis,
nem de lapizeira.
Despreza pincel
e lápis de cera.

É muito vaidosa,
é muito distinta.
Mas fica sem jeito,
quando vaza tinta (AZEVEDO, 2000, p. 15).

Ricardo Azevedo cultiva nesses poemas o que Silva (2010) chama de “olhar inaugural” ao falar de objetos do cotidiano - pincel e caneta - não só da criança, mas também do adulto. Para isso, vale-se dos aspectos lúdicos da linguagem poética para deixar brotar a imaginação, representando uma nova forma de ver objetos que fazem parte do nosso dia a dia a partir desse novo olhar tão comum no universo infantil.

Pondé (1986, p.130) assegura que no poema “a palavra se reveste de uma força mágica, pois se transforma em imagem e passa a apresentar e não mais a representar”. O ludismo faz-se presente no poema “caneta” por meio da sonoridade dos versos lembrando a musicalidade e o ritmo de uma parlenda que fazem parte da literatura oral brasileira. Segundo Câmara Cascudo, no dicionário do Folclore Brasileiro (CASCUDO, 2000, p.663-674): “parlenda são versos de cinco ou seis sílabas, recitados para: - a) entreter, acalmar, divertir as crianças; - b) escolher quem deve iniciar o jogo ou aqueles que devem tomar parte na brincadeira.”. O estudioso lembra também que “na literatura oral é um dos entendimentos iniciais para a criança e uma das fórmulas verbais que ficam, indeleveis, na memória.” (p. 674).

Este diálogo com a literatura oral é uma das características da poesia de Ricardo Azevedo destinada ao público infantil. Seus poemas aproveitam o imaginário, a musicalidade, os motivos e os esquemas narrativos das parlendas, dos ditados, trava-línguas, adivinhas presentes na tradição oral e relaciona-os a novos temas, novos contextos.

Quem é a criança ou até mesmo o adulto que não se encanta pelo colorido dos materiais escolares. É nesse terreno fértil que se insere a lírica de Ricardo Azevedo, através do “olhar inaugural” (cf. SILVA, 2010) convidativo para que o leitor partilhe da brincadeira poética. Desse modo, a poesia conduz o leitor a contemplar os objetos escolares como se os visse pela primeira vez, estimulando a curiosidade e o interesse das crianças por meio do olhar e do ouvir.

Outro aspecto importante é a musicalidade dos versos através dos ritmos e rimas presentes nos poemas de Azevedo, a exemplo do poema a seguir:

Apontador

Sem ele o lápis, coitado,
fica cego, surdo e mudo.
Um lápis desapontado,
tanto faz grande ou miúdo,
não desenha nem escreve,
não faz conta, ou tabuada.
Fica assim desenxabido,
sem jeito, desiludido:
ele que era sabido,
agora não sabe nada

Mas preste muita atenção:
Olhe bem pra sua mão.

Com o tal do apagador,
é melhor agir com medo.
E se ele, de repente,
cismar de apontar seu dedo?

(AZEVEDO, 2000, p. 10).

Em “Apontador”, o poeta encadeia palavras extraindo delas sonoridades a partir de vários recursos- como aliteração, assonância, rimas. Neste exemplo em particular, chamamos a atenção para as rimas finais, que apresentam uma semelhança completa entre os sons, formando a **rima soante**:

Sem ele o lápis, **coitado**,
fica cego, surdo e **mudo**.
Um lápis desapontado,
tanto faz grande ou **miúdo**

Azevedo também recorre no poema ao verso de sete sílabas, redondilha maior, muito utilizado na cultura popular: “Mas preste muita atenção:/ Olhe bem pra sua mão.”

Em outro poema, intitulado “Apagador”, Ricardo Azevedo brinca com a sonoridade do título, que evoca “Apaga a dor”, como vemos a seguir:

Ele chama apagador.
Apagar ele costuma,
mas dor, com certeza, ele
não sabe apagar nenhuma.

Já pensou se o apagador
apagasse dor de dente,
dor de unha, dor de ouvido,
toda a dor que dá na gente?
(AZEVEDO, 2000, p. 8).

Ao utilizar-se do trocadilho de palavras –apagador e apaga a dor-, Azevedo evoca o mundo mágico-maravilhoso, marcado pela personificação do objeto apagador cuja ação afastaria a dor, provocando o leitor para uma relação de interação criativa com o texto (Já pensou se o apagador/ apagasse dor de dente/dor de unha,dor de ouvido,/toda a dor que dá na gente?). Essa interação se dá também a partir da organização dos versos através dos ritmos e das rimas (costuma/nenhuma; dente/gente) presentes no poema, em que o leitor exerce um papel ativo, o que confirma a importância de sua participação na construção do sentido do poema e reforça o caráter emancipador da obra literária, propiciando ao leitor, conforme ressalta Jauss (1994), visualizar aspectos de sua prática cotidiana a partir de novas perspectivas, possíveis através com a experiência com o texto literário.

Os poemas funcionam, portanto, como uma brincadeira para as crianças, através do jogo de rimas, repetições, paralelismos e brincadeiras sonoras, que alargam a forma de ver os objetos escolares. É o que podemos perceber também no poema “Compasso”:

Compasso

Gira, roda, roda, gira
Sempre na ponta do pé.
Vira bola, vira disco,
Vira bóia, se quiser.

Serve, eu sei, pra fazer lua
E sol brilhante no céu.

Faz pneu de bicicleta,
Pizza, planeta e anel.

Girando assim pelo espaço,
Levando essa vida ao léu,
Circula sempre o compasso,
Rodando sobre o papel.
(AZEVEDO, 2000, p. 19).

A repetição dos verbos GIRA, RODA e VIRA no poema além de contribuir para a sonoridade, fazendo lembrar do movimento do compasso, promove o encontro prazeroso e lúdico entre a criança e os versos. Já o uso do verbo VIRAR sugere imagens que vão despertando a criatividade da criança /vira bola;/ /vira disco/ e chamando a atenção para que o leitor interaja, entre nos versos e faça parte da brincadeira. Esse convite às crianças a adentrarem nos versos é traço marcante na poesia contemporânea. Em /vira bóia se quiser/ o poeta permite que a criança amplie o universo de possibilidades que o objeto compasso pode oferecer, caso o leitor queira, evidenciando com isso a proposta lúdica do poema.

Na segunda estrofe, os versos /Faz pneu de bicicleta/ /Pizza, planeta e anel/ aproximam o leitor ao utilizar objetos que fazem parte do universo infantil (pneu de bicicleta, pizza, planeta e anel). Já na última estrofe, os versos /Girando assim pelo espaço/, /Levando essa vida ao léu/, o traço lúdico é reforçado, mostrando, na prática, o que se pode fazer com o *compasso*. E, na última estrofe, através do uso do *assim*, o eu lírico desafia o leitor para participar da brincadeira, como se segurasse em sua mão, conduzindo-o para o mundo da fantasia.

Há que se observar também na obra de Ricardo Azevedo uma tendência a não uniformidade no tamanho das estrofes e dos versos. Assim é comum encontrarmos em suas obras uma variação de estrofação que passa pelas quadras, dísticos, tercetos e até quintetos, conforme podemos conferir nos exemplos já elencados. No livro *Meu material escolar*, encontramos dois poemas que apresentam a estrofe dística. A título de ilustração, tomemos o poema “Cola”:

Cola

A cola não cola pêlo
na cabeça do careca.

A cola não não cola dente
na gengiva do banguela.

A cola não cola um riso
no rosto de quem é triste.

A cola não cola um dez
pra salvar meu boletim.

A cola não cola as horas
Para o tempo não passar.

A cola não cola ideias
Para encher minha cabeça.

Não sabe colar o sol

Para nunca mais chover.

Não sabe colar os cacos
Do coração solitário.

Não sabe colar dinheiro
Pra forrar minha carteira.

Nem cola sabedoria
Para eu não dizer besteira!
(AZEVEDO, 2000, p. 17).

No poema acima, o autor se utiliza do recurso da aliteração através da repetição do “C”, em /A CoLa não Cola pêLo/ na Cabeça do CareCa, conferindo musicalidade ao poema. O jogo semântico com a palavra *cola*, ora usada como substantivo, ora usada como verbo serve para reforçar o aspecto lúdico do poema, provocando a brincadeira e o efeito cômico, como em “A cola não cola um dez;/para salvar meu boletim/ e /a cola não cola dente/ na gengiva do banguela/.” A antonímia presente no final de cada verso é outro procedimento poético utilizado para garantir a ludicidade e favorecer a construção de sentidos, possibilitando uma experiência de leitura significativa ao mesmo tempo que provoca riso, como exemplo, temos as oposições: pêlo/careca,dente/banguela, riso/triste e sol/chover. Procedimento semelhante percebe-se também no poema Caderno:

Caderno

Cabe tudo num caderno:
cabe o desenho do mundo,
cabe o céu cheio de estrelas,
cabem a cidade e as ruas,
cabem as flores do jardim,
cabe desenho de bicho,
cabe, sim, letra de música,
cabe minha assinatura,
cabem vinte telefones,
cabe recado pra amigo,
cabe foto de cantor,
cabe selo e figurinha,
cabe o emblema do time,
desenho de coração,
e até sobra um cantinho
pra fazer minha lição.
(AZEVEDO, 2000, p. 12).

A anáfora do verbo *caber* no poema acima confere, por meio da repetição do verbo no início de cada verso, o efeito de reforço do quanto o caderno pode conter, registrar, guardar, fazendo o leitor construir imagens poéticas, que conduzirão a um percurso de leitura. Ao descrever, o que cabe no caderno, o eu lírico remete ao lúdico e ao ilogismo, utilizando-se de hipérboles para reforçar os efeitos de sentido: desenho do mundo/ céu cheio de estrelas/a cidade/ e as ruas. Nessa mesma linha de pensamento, vale ressaltar as possibilidades de leitura advindas da organização do poema em uma única estrofe denunciada já na primeiro verso (Cabe tudo num caderno:) e enfatizado no

uso do pronome indefinido *tudo* e dos dois pontos (:) que encerram o primeiro verso e aponta para o que poderemos encontrar nos próximos. Desse modo, os versos seguintes congregam em torno de um contexto relacionado a elementos ligados ao prazer e ao gosto na vida (flores no jardim, desenho de bicho, letra de música, foto de cantor). Ao descrever “tudo que cabe no caderno”, o eu lírico sugere que na vida precisamos estar dispostos a acolher elementos positivos que nos proporcionem novas emoções. Já nos dois últimos versos, o poema surpreende pelo aspecto lúdico através da disposição no papel que imita uma folha de caderno em que os dois últimos versos se espremam para caber na última linha, contribuindo para os efeitos de sentido, em um diálogo com o leitor, mostrando que também cabem no caderno atividades rotuladas como obrigatórias (e até sobra um cantinho/ pra fazer minha lição).

No poema “Últimas adivinhas” percebe-se mais uma vez no livro *Meu material escolar* uma recriação da cultura popular, ao explorar o gênero quadrinhas e adivinhações, conforme podemos conferir a seguir:

Últimas adivinhas

O que é, o que é:
Escreve e não sabe ler,
Faz carta, conta e lição.
É magro feito um palito,
Vive abraçado com a mão?

O que é, o que é:
Essa moça delicada
Não tem boca nem mastiga.
Come muito e não engorda,
Corta, fura e nunca briga?
(AZEVEDO, 2000, p.44).

A utilização do recurso das adivinhas é mais um procedimento utilizado por Ricardo Azevedo para favorecer a aproximação do leitor com o texto poético. No final do livro, o autor traz as respostas das adivinhas.

Em outros poemas como “Mochila” ele recorre ao uso das quadras tão presentes nos poemas populares, marcantes nos primeiros versos falados e cantados para as crianças:

Mochila

Parece um poço sem fundo
parece um trem de repente.
Parece mala ou baú,
levando tudo da gente.

Leva caderno e borracha,
lápiz, livro e apontador.
Carrega estojo, caneta,
compasso e grampeador.

Vai tesoura, giz de cera,
vai régua, esquadro e tachinha.

Vai cola e fita adesiva,
mas também vai figurinha.

Leva perfume e espelho,
escova e desodorante.
Vai aspirina e xarope,
barbante e fita isolante.

Vai lenço pra limpar gripe,
vai bala, pente e chiclete.
Vai raquete, vai gilete,
estilingue e canivete.

Agora o mais importante:
Não é rima, é solução.
Escondido numa caixa,
(quero ver se você acha!)
vai meu time de botão.
(AZEVEDO, 2000, p.30).

As construções paralelísticas permitem que a mochila se transforme em uma mala ou baú ou em um trem que tudo carrega (caderno, borracha, lápis, livro, apontador, estojo, caneta, compasso, grampeador, tesoura, giz de cera, régua, esquadro, tachinha, cola, fita adesiva e até figurinha). Esse processo de construção da poética de Ricardo Azevedo desconsidera a perspectiva unívoca do texto e aponta para um trabalho que resulta na construção plurissignificativa de um texto, permitindo ao leitor uma participação ativa na construção de sentidos.

A partir da quarta estrofe do poema, o poeta amplia o repertório dos objetos que podem ser levado na mochila. Além dos escolares cita (perfume, espelho, escova, desodorante, aspirina, xarope, barbante, fita isolante, lenço, bala, pente, chiclete, raquete, gilete, estilingue e canivete). O processo de desautomatização é mais visível na última estrofe na qual o poeta nos surpreende fugindo dos reiterados paralelismos ao apelar para a participação do leitor (quero ver se você acha!), ao apresentar o último objeto – time de botão -, aspecto que só reforça o caráter visual do poema. Para isso, o leitor deverá atentar não só para o último verso do poema, mas também para a ilustração que traz o nome do time estampado no símbolo distribuído em toda a página (SFC).

Essa experiência estética permitida pela obra remete-nos para o pensamento de Iser (1996), em sua obra “O ato da leitura”, ao afirmar que um texto só se concretiza quando o leitor consegue converter o pólo artístico em pólo estético, reforçando, com isso, a importância do leitor no processo de construção de significação de um texto.

De acordo com Jauss (1994), o pólo artístico de uma obra está relacionado à capacidade dela provocar o leitor de todas as épocas, permitindo novas leituras em cada momento histórico. Já o pólo estético diz respeito ao fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de visualizar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado, marcado pelas rupturas conceituais e de padrões, assim como por uma nova percepção da realidade, proporcionada pelo conhecimento adquirido por meio da criação literária.

E assim, a partir do grau de maturidade do leitor, do crescimento linguístico, o poema ultrapassa o jogo de puras sonoridades para o jogo de ideias. Mas, para que isso se torne realidade, a escola precisa dar visibilidade à poesia, incorporando-a no

cotidiano escolar dos alunos e “favorecendo uma aproximação lúdica do texto que estimule a percepção da fantasia, da musicalidade e o diálogo do leitor com o texto” (PINHEIRO, 2018, p.9). E para isso, a poética de Ricardo Azevedo representa um bom começo.

3. Sugestão metodológica a partir da poética de Ricardo Azevedo

É importante ressaltar a importância do professor oferecer textos de qualidade literária, ser um mediador de leitura sensível e entusiasmado leitor de poesias de forma a possibilitar um encontro mais significativo da criança com o texto poético. No trabalho com os poemas do livro *Meu Material Escolar* (2000) sugerimos algumas estratégias para despertar a curiosidade dos alunos e instigar o interesse pela leitura.

Uma atividade poderia ser a criação de **Um corredor de inferências**. Colar nas paredes, que dão acesso à sala de aula, fotos de poemas do livro *Meu material escolar* e possibilitar que os alunos iniciem o processo de inferência, mesmo antes de o professor apresentar o livro aos alunos. Após os discentes adentrarem à sala, o professor poderá levantar o seguinte questionamento: você já reparou que seu material escolar é muito mais divertido do que parece e pode até virar poesia? Ricardo Azevedo percebeu isso e escreveu um livro de poesia, utilizando materiais escolares.

Apresentar nesse momento o livro e promover um diálogo em que os alunos manifestem suas impressões diante do que viram no corredor. Essa experiência íntima pode ser captada pelo olhar dos alunos, pelo sorriso ou até mesmo pela conversa nos corredores ao passarem pelo local onde os textos foram fixados.

É importante também estimular os alunos a apreciarem as ilustrações que acompanham os poemas, criadas pelo próprio autor, procurando perceber a relação entre texto e imagem.

Outra estratégia seria a do **Desafio da leitura** por meio da qual possibilitaria a criança perceber o poema como um objeto aberto em que poderão descobrir “a voz do poema”, conduzindo os alunos à experimentação de timbres vocais. Para tanto, propor aos alunos que escolham poemas que mais gostaram e iniciem a leitura em voz alta.

Por último, o professor poderia realizar a **Batalha de adivinhações**. Tendo em vista a composição estrutural do livro *Meu material escolar*, em que o autor dedica boa parte da obra as adivinhas, o professor pode criar um segundo momento para que os alunos conheçam esse aspecto da obra de Ricardo Azevedo:

- Dividir os alunos em pequenos grupos: um grupo lê a adivinha e os outros tentam adivinhar a resposta;
- Espalhar objetos escolares na sala e incentivar os alunos a procurarem o objeto que responda a adivinha. Ganha quem encontrar mais objetos.

Essas estratégias são apenas possibilidades de atividades significativas e dialógicas por meio das quais o leitor possa vivenciar e explorar as potencialidades da linguagem poética, oral e escrita e, assim, como ressalta Cosson (2006, p.16) percebam que: “[...] é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos”. Para tanto, as propostas sugeridas priorizam a leitura prazerosa e integral dos poemas, a familiarização do aluno com a obra e o autor, a experiência de leitura compartilhada com o professor e os colegas e a ampliação na forma de ver, por meio da ampliação dos horizontes de leitura.

4. Palavras finais

A literatura de Ricardo Azevedo apresenta uma forma desautomatizada de ver o mundo para além da perspectiva do lugar comum. Uma poesia que nos inquieta, que nos mostra uma outra forma de perceber o trivial, permitindo que tenhamos experiências muito mais significativas. Na obra *Meu material escolar* (2000), não foi diferente, Ricardo Azevedo segue encantando crianças e adultos com o recurso da fantasia e do lúdico tão marcantes em suas obras através do jogo de sonoridade e ritmo com que os poemas são construídos, sem esquecer também da dialogicidade presente nas ilustrações produzidas pelo próprio escritor. E assim, suas obras vão surpreendendo o leitor, fazendo-o mergulhar nessa redescrição do mundo sem perder o olhar inaugural, característica comum em obras contemporâneas.

Outro aspecto marcante nas obras de Azevedo é o apelo constante para que o leitor se aproxime do texto, interaja e adicione suas experiências no momento da leitura. É nessa interação autor/leitor/texto que Ricardo Azevedo constrói sua poética, sem esquecer aqui o diálogo com a cultura popular presente em muitas de suas obras e que ocupa um espaço significativo no livro *Meu material escolar*, conforme ressaltamos ao comentarmos os poemas.

Diante do exposto, destacamos a proposta de leitura da obra *Meu material escolar* como uma possibilidade para se trabalhar a recepção do poema na escola fugindo do viés pedagogizante/moralizante e tentando aproximar de uma experiência lúdica, possibilitando uma interação entre o leitor e a obra. Desse modo, a proposta deve ser revista de acordo com a realidade da turma, recuperando aqui a verdadeira função da literatura, tão bem traduzida por Pinheiro (2018, p.18) ao descrever esse momento como “uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho no olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor, fugindo assim ao pragmatismo que, muitas vezes, a escola tenta impor”. Nesse sentido, a proposta é partir do horizonte de expectativas do leitor, determinado pelas suas vivências anteriores e provocar situações que propiciem o questionamento desse horizonte.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Meu material escolar*. Ilustração do autor. São Paulo:Quinteto, 2000.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Pensando a poesia infantil de agora. In: ZILBERMAN, Regina e ROSING, Tania M.K. (org). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1987.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johanneskretschmer. Vol.1. São Paulo: Editora 34,1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

PONDÉ, Gloria Maria Fialho. *Poesia para crianças: a mágica da eterna infância*. In: KHÊDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura infantojuvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Poesia para crianças*. In: ROSING, Tania M. K. e BURLAMAQUE, Fabiane. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo, 2010.

SOUZA, Renata Junqueira. *Poesia e estratégias de leitura na educação infantil*. In: DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos e BORTOLOTTI, Nelita (orgs.). *Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética*. Campina Grande-PB:EDUFCG, 2018.